

folhamais

China tenta domar inflação que pode ter impacto global

Moeda valorizada e custos de produção altos podem afetar todo o planeta

MERCADO

Keith Bradsher

XANGAI | THE NEW YORK TIMES
Os preços estão em alta nos Estados Unidos e no restante do mundo, o que gera alertas cada vez mais graves quando a onda de inflação que poderia ameaçar a economia mundial, caso persista.

A China não está esperando para ver.

Pequim está agindo com rapidez para proteger as fábricas e locais de trabalho do país contra a alta de custos. Desencorajou as siderúrgicas e produtores de carvão de aumentar preços. Prometeu investigar aumentos indevidos de preços e acúmulos especulativos de estoques. E autorizou que a moeda do país flutuasse de um modo que não se via há anos, o que oferece às autoridades um recurso valioso e forte para adquirir fora do país cereais, carne, petróleo, minerais e outro produtos.

A alta dos preços na China, que é por grande vantagem o maior polo industrial e exportador do planeta, poderia influenciar o mundo inteiro.

A agência oficial de estatísticas chinesa anunciou na manhã de quarta-feira (9) que os preços cobrados pelas fábricas, produtores rurais e outros subiram em 9% em maio, ante o mesmo mês em 2020, quando a pandemia ajudava a segurar os custos. Foi a maior alta desde setembro de 2008.

A Annabelle New York, importadora e distribuidora sediada em Manhattan que vende parcas acolchoadas e outras vestimentas de alto preço a lojas de departamentos e outros grupos de varejo, já aumentou seus preços em 10% neste trimestre. Mas os custos dos produtos que ela compra na China subiram em 20%, disse Bennett Model, presidente-executivo da empresa.

Apenas o medo de perder clientes impediu Model de repassar esses custos mais elevados às lojas americanas. Ele optou por aceitar margens de lucro mais baixas. "Se eu quisesse realmente cobrir todos os aumentos, o preço seria proibitivo, no momento."

Está claro que o surto atual de inflação mundial vai durar. Economistas dizem acreditar que os aumentos de pre-

ços se moderarão assim que as companhias eliminarem os gargalos de suprimento causados por fechamentos de fábricas e outras medidas adotadas durante a pandemia.

Mas a China tem motivos claros para temer a inflação. Seu crescimento econômico vertiginoso nas últimas décadas veio acompanhado por altas nos preços que causaram ira em todo o país. Uma alta de preços contribuiu para as manifestações na Praça Tiananmen em 1989, em Pequim.

As autoridades há muito recorrem a controles informais de preços e a subsídios a fim de impedir que a alta de custos se faça sentir nos supermercados chineses e nas mesas de jantar das famílias do país.

Para alguns bens, os preços estão de fato subindo. Os fabricantes de papel aumentaram os preços de atacado de produtos como guardanapos e papel higiênico. A soja usada para produzir tofu está subindo de preço.

Mas por enquanto, a indústria chinesa é que está sentindo os aumentos, e não os consumidores. O aumento do preço do minério de ferro austr-

liano e do milho dos EUA responde por boa parte da alta.

O gabinete chinês anunciou subsídios para pequenas empresas, duas semanas atrás, a fim de ajudá-las a arcar com a disparada dos custos das commodities. Novos limites foram impostos às operações de commodities para entrega futura, a fim de conter a especulação.

As medidas do governo têm a capacidade de desacelerar mas não de deter os aumentos de preços no atacado. Empresas que têm de arcar com alta de custo nas matérias-primas terminam por encontrar

maneiras de aumentar preços, ou suspendem a produção.

Os produtores de papéis, encucalados entre a disparada nos custos da celulose e uma variedade de pressões para que não aumentem os preços de seus produtos, preferiram paralisar as atividades de algumas de suas fábricas, invocando a necessidade de manutenção, neste trimestre.

Até agora, os aumentos de preços não parecem estar chegando aos consumidores chineses. O índice de preços ao consumidor da China subiu em apenas 1,3% em maio, ante o mesmo mês em 2020.

Um motivo para isso é que a economia doméstica chinesa ainda não se recuperou plenamente da pandemia. O consumo morno significa menos estímulo à alta de preços.

Os comerciantes em um mercado em Xangai declararam, em uma tarde recente, que não viam sinal de alta nos preços dos alimentos. Os preços dos ovos e da carne bovina, por exemplo, pouco mudaram.

"O custo de vida não mudou muito, o preço das verduras é sempre [mais ou menos o mesmo]", disse Yang Yuxia, que vende ovos de galinha e outras aves em uma barraca do mercado desde 1998.

Mas os comerciantes de alimentos que não fazem parte da dieta básica já estão acompanhando os aumentos de preços de seus fornecedores.

"É claro que me preocupo com uma alta de preços — se os preços subirem, terei menos fregueses", disse Gao Hong,

que vende enguias de água doce e camarões em loja localizada em frente ao mercado.

Os consumidores chineses ainda são protegidos pelo grande número de fábricas que produzem artigos essenciais, como roupas e produtos domésticos. O excesso de capacidade garante que os lojistas tenham muitos fabricantes concorrentes entre os quais escolher. Isso dificulta o repasse dos aumentos de custos aos consumidores.

"Ao longo da cadeia de suprimento, quem tem menos poder de negociação arca com mais custos", disse Wang Dan, economista chefe do Hang Seng Bank China. Na China, as empresas que ocupam as primeiras etapas da cadeia de suprimento tendem a ter menos poder de negociação que o varejo e os consumidores.

A alta de preços na China pode se espalhar ao exterior. Os líderes do país tentam tratar da ameaça de inflação em parte ao permitir que a moeda suba de valor.

O yuan está perto de sua cotação mais alta diante do dólar americano desde a metade de 2018.

A moeda mais forte torna os produtos chineses menos atraentes em outros mercados. Por enquanto, o mundo parece satisfeito em continuar comprando produtos chineses. Mas o banco central chinês alertou aos operadores de câmbio, em 27 de maio, que não pensassem que valorização adicional era uma aposta segura.

“Se eu quisesse realmente cobrir todos os aumentos, o preço seria proibitivo, no momento”

Bennett Model
presidente-executivo da importadora e distribuidora de vestimentas Annabelle New York



Clientes em supermercado na China; aumento ainda não chegou aos consumidores, já que preços dos ovos e da carne bovina, por exemplo, pouco mudaram Wang Jilin/Xinhua

DE GRÃO EM GRÃO

Michael Viriato

degraoemgrao.blogfolha.uol.com.br

Com a inflação em alta, veja duas aplicações a serem evitadas

A divulgação da inflação oficial para o mês de maio acendeu uma luz amarela no radar dos investidores. A variação de preços medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) acumula uma alta de mais de 8% em doze meses.

A preocupação não é à toa. Observe no gráfico que, nos últimos 20 anos, em poucos momentos a inflação esteve tão elevada.

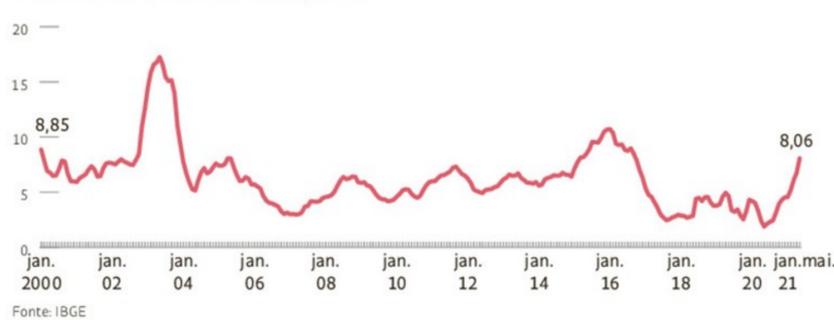
Segundo dados da pesquisa entre economistas realizada pelo BC (Banco Central), a inflação deve cair, retornando para a meta de 3,50% ao ano até meados do próximo ano.

Embora os economistas pareçam mais otimistas, o mercado financeiro não está pagando para ver.

Os juros futuros negociados na B3 já têm implícito

Indicador da inflação do mês de maio registra alta de 8%

IPCA no acumulado de 12 meses, em %



Fonte: IBGE

uma possibilidade de elevação da Selic para 7% ao ano em janeiro de 2022 e superando 9% ao ano em 2024.

Lembre-se, você deve sempre investir considerando o que deve ocorrer em relação

ao que o mercado já espera.

Uma alta de juros já está precificada. Assim, você deve considerar se esta alta é maior ou menor do que o que você espera que o BC realize.

Com esta incerteza sobre

o movimento dos juros, duas aplicações têm recebido aportes dos investidores. Mas você deveria evitá-las no curto prazo.

A primeira aplicação que você deveria evitar é a ca-

derneta de poupança.

Segundo dados do BC, só nos primeiros 7 dias de junho, investidores aplicaram mais de R\$ 10 bilhões na poupança.

O volume aplicado na caderneta soma mais de R\$ 1 trilhão. Para se ter uma noção da magnitude, isto representa mais de 17% do valor de mercado total de todas as empresas com ações na Bolsa de Valores brasileira (B3).

Embora a poupança tenha rendimento positivo, ela é com certeza inferior a outras aplicações de mesmo risco como CDBs. Se você precisa de liquidez, prefira aplicar em CDBs de vencimentos curtos e referenciados ao IPCA.

Muitos investidores fogem para a poupança com receio da volatilidade nos ativos. No entanto, em CDB, você também não vai ter volatilidade e ainda vai ter rentabilidade muito superior à poupança.

O segundo movimento

que os investidores deveriam evitar é a aquisição de títulos referenciados ao IPCA ou prefixados com vencimento superior a seis anos, ou seja, de longo prazo.

O último balanço divulgado pela plataforma do Tesouro Direto mostra que os títulos referenciados ao IPCA com prazo superior a dez anos têm sido preferidos pelos investidores.

Os preços de títulos de longo prazo são mais afetados pelos movimentos de taxa de juros.

Caso a inflação persista o BC tenha de elevar a taxa de juro mais do que o mercado já precifica, os títulos de longo prazo podem sofrer duras perdas.

Para se proteger da inflação, o mais recomendado agora são títulos ou fundos de investimentos de renda fixa referenciados ao IPCA, mas com vencimento de curto prazo, ou seja, com menos de seis anos.